

CERTIFICAÇÃO *SEXISM FREE NIGHT*: DA VISIBILIZAÇÃO DO ASSÉDIO SEXUAL À CRIAÇÃO DE UM ROTEIRO DE LAZER NOTURNO MAIS SEGURO E IGUALITÁRIO NO PORTO

 *Cristiana Vale Pires*^{*}

 *Maria Carmo Carvalho*^{**}

 *Helena Carvalho*^{***}

Resumo

Este artigo apresenta uma análise sobre o assédio sexual em ambientes de lazer noturno a partir das percepções de *bystanders* (observadores/as) e da avaliação do processo de implementação da certificação *Sexism Free Night* no Porto. Através de um questionário *online* (N=546) foi possível verificar que, de acordo com os/as *bystanders*, o assédio sexual é muito prevalente em ambientes de lazer noturno. Esses dados influenciaram a implementação de um modelo de certificação assente no envolvimento da gerência de estabelecimentos de lazer noturno (n=7) e na formação ao *staff* dos estabelecimentos aderentes (n=46). Os resultados demonstram que os ambientes de lazer noturno são contextos estratégicos para a prevenção e intervenção em situações de assédio sexual.

Palavras-chave: Assédio sexual, sexismo, ambientes de lazer noturno, *bystanders*.

Abstract

Sexism Free Night Label: Making sexual harassment visible in order to create safer and more egalitarian nightlife environments in Oporto

This paper presents a gender analysis of sexual harassment in nightlife environments based on bystanders' perceptions and the evaluation of the implementation of the Sexism

* Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH), Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (FEP-UCP), Porto, Portugal; Associação Kosmicare, 4169-005 Porto, Portugal.

Endereço postal: CEDH-FEP-UCP, R. de Diogo Botelho, 1327, 4169-005, Porto, Portugal.

Endereço eletrónico: cvpipes@ucp.pt

** Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH), Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (FEP-UCP), Porto, Portugal; Associação Kosmicare, 4169-005 Porto, Portugal.

Endereço postal: CEDH-FEP-UCP, R. de Diogo Botelho, 1327, 4169-005, Porto, Portugal.

Endereço eletrónico: mccarvalho@ucp.pt

*** Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED), Universidade do Porto (UP), Porto, Portugal.

Endereço postal: inED-UP, R. Dr. Roberto Frias, 602,4200-465 Porto, Portugal.

Endereço eletrónico: helena.moura.carvalho@gmail.com

Free Night label in Oporto. By using a web survey (N=546) we found that, according to bystanders, sexual harassment is very prevalent in nightlife environments. These data informed the implementation of a label based on the involvement of managers (n=7) and the training of the staff of the nightlife establishments participating in the project (n=46). The results demonstrate that nightlife environments are key settings for the prevention of and intervention in situations of sexual harassment.

Keywords: Sexual harassment, sexism, nightlife environments, bystanders.

Resumen

Certificación *Sexism Free Night*: de visibilizar el acoso sexual a la creación de una ruta de ocio nocturno más segura y equitativa en Oporto

Este artículo presenta un análisis de género del acoso sexual en entornos de ocio nocturno basado en las percepciones de los/as *bystanders* (observadores/as) y la evaluación del proceso de implementación de la certificación *Sexism Free Night* en Porto. A través de un cuestionario *online* (N=546) se pudo constatar que, según los/as *bystanders*, el acoso sexual es muy prevalente en los ambientes de ocio nocturno. Estos datos influyeron en la implantación de un modelo de certificación basado en la implicación de la dirección de los establecimientos de ocio nocturno (N=7) y la formación del personal de los establecimientos adheridos (N= 46). Los resultados demuestran que los entornos de ocio nocturno son contextos estratégicos para la prevención e intervención en situaciones de acoso sexual.

Palabras clave: Acoso sexual, sexismo, ocio nocturno, *bystanders*.

1. Introdução

O assédio sexual enquadra-se num *continuum* de violência de género que, através da sexualização e objetificação, controlo e vigilância dos seus corpos, limita e condiciona as mulheres no acesso, participação e exercício de direitos na esfera pública (rua, contextos laborais e outros espaços públicos e sociais) (Magalhães 2011; Sottomayor 2015; Simões e Silveirinha 2019). Contribui também para processos de socialização de género que normalizam e contribuem para a (re)produção de violência contra as mulheres (Magalhães 2011; Magalhães *et al.* 2019).

Em Portugal, no seguimento da Convenção de Istambul¹, a 38.ª alteração ao código penal introduziu na Lei n.º 83/2015 o artigo 170º, que definiu a importunação sexual como um crime contra a liberdade sexual. Apesar da importância deste artigo, a sua formulação foi demasiado restritiva, excluindo um amplo espectro de situações mais subtis, menos explícitas e normalizadas (e.g. “piropo”) que afetam as mulheres em espaço público (Simões & Silveirinha 2019). Adicionalmente, à falta de informação sobre o conteúdo e aplicabilidade deste artigo por parte dos dispositivos da segurança e da justiça, junta-se a adesão a normas hegemónicas de género que tendem a desvalorizar o assédio sexual e a desqualificar as suas víti-

¹ Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e Violência Doméstica.

mas, obstaculizando o acolhimento das denúncias e o processamento judicial das mesmas (Ribeiro 2021). Por esse motivo, continua a ser necessário implementar dispositivos de controlo formal e informal capazes de combater o assédio sexual a apoiar as suas vítimas.

Nos últimos anos, algumas organizações (e.g., UMAR, APAV) e projetos de investigação têm procurado analisar a prevalência e expressão de assédio sexual em espaços públicos e contextos sociais (e.g. contexto escolar e universitário) e implementado iniciativas de sensibilização e intervenção comunitária para o combater (e.g., Magalhães *et al.* 2019). Este artigo pretende oferecer um contributo ao campo de estudos e conhecimento sobre intervenções na área do assédio sexual em Portugal. Os resultados do projeto *Sexism Free Night* (SFN), referentes à observação de assédio sexual em ambientes de lazer noturno, serão apresentados para ilustrar a forma como estes comportamentos se expressam nesses contextos. Serão também apresentados alguns resultados do processo de capacitação e criação de uma certificação específica a atribuir a estabelecimentos investidos na criação de um lazer noturno mais seguro e igualitário.

2. Assédio sexual e abordagens de intervenção em ambientes de lazer noturno

Nas culturas ocidentais pós-modernas, a noite, enquanto espaço-tempo de lazer e consumo, foi democratizada e “sair à noite” tornou-se uma prática social amplamente valorizada nos estilos de vida urbanos. Este processo fez-se acompanhar da feminização dos ambientes de lazer noturno (ALN) enquanto palcos públicos para a mulher experimentar e expressar novas feminilidades e transcender as suas opressões de género (Bóia, Ferro e Lopes 2015; Rodrigues 2016). No entanto, os ALN reproduzem as desigualdades que encontramos na sociedade em geral, incluindo o assédio e violência sexual (Mellgren, Andersson e Ivert 2018; Pires *et al.* 2018; Quigg *et al.* 2020; Tutunges, Sandberg e Pedersen 2020; Vaadal 2020), que tendem a agravar-se pelo uso de práticas sexistas e pela cristalização das relações entre géneros (Rodrigues 2016). A sexualização da participação das mulheres em alguns ALN reforça processos de socialização de género sexistas que contribuem para normalização e generalização do assédio sexual enquanto interação sexualizada aceitável e expectável (Graham *et al.* 2017; Observatorio Noctambul@s 2017; Pires *et al.* 2018; Anitha *et al.* 2021). Por esse motivo, à noite são tolerados comportamentos que noutros contextos sociais diurnos são considerados inaceitáveis e socialmente reprováveis (Observatorio Noctambul@s 2017; Pires *et al.* 2018). Adicionalmente, em ALN, a conformidade com as normas tradicionais de género reproduz socializações genderizadas e a adesão a mitos da violação que aumentam os processos de vulnerabilização sexual das mulheres que neles participam (Graham *et al.* 2014; Romero-Sánchez e Megías 2015; Tutunges *et al.* 2020).

Os ALN são assim contextos de intervenção fundamentais para a desnormalização do assédio sexual e de dinâmicas de socialização sexistas (Pires *et al.* 2018).

Na última década, têm vindo a ser implementadas intervenções que procuram prevenir e responder a situações de assédio e violência sexual em ALN (Gunby, Carline e Taylor 2017; Powers e Leili 2018; Noctambul@s 2017). Se inicialmente o alvo das campanhas de sensibilização e educação eram as mulheres, reproduzindo uma cultura de culpabilização da vítima, mais recentemente o panótico tem-se voltado para os agressores e para os/as *bystanders* (Pires *et al.* 2018). Um/a *bystander* é alguém que observa a situação e, por esse motivo, poderá ter um papel quer no agravamento (por ignorar, desvalorizar ou incentivar a dinâmica) quer na prevenção ou interrupção da interação sexista (Magalhães *et al.* 2019). Nesse sentido, os/as *bystanders* podem ser agentes preventivos fundamentais.

A intervenção com observadores/as [*bystanders*] prevê uma mudança de filosofia metodológica, trabalhando com os/as observadores/as para serem consciencializados/as para a promoção da igualdade de género e adquirirem ferramentas que lhes permitam agir de acordo com a situação e contexto (Magalhães *et al.* 2019, 7).

A integração de metodologias de intervenção *bystander* em ações de formação de *staff* de ALN tem-se mostrado eficaz na desconstrução de mitos da violação e no aumento da iniciativa para intervir em caso de assédio ou violência sexual nestes contextos (Powers e Leili 2018; Quigg *et al.* 2021).

3. Projeto *Sexism Free Night* (SFN)

O projeto SFN² – Prevenção de violência sexual e promoção de uma noite não sexista (POISE-03-4437-FSE-000127) foi promovido pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa e financiado pelo Programa Operacional de Inclusão Social e Emprego (PO ISE), Portugal 2020 e Fundo Social Europeu. Este projeto foi implementado entre junho de 2018 e agosto de 2019 e desenvolveu a maior parte as suas atividades no Porto. Para além das abordagens de intervenção *bystander* referidas anteriormente, o *design* do projeto baseou-se em dois outros modelos de intervenção em ALN:

- as abordagens de formação para a dispensação responsável de álcool³ (Saltz e Stanghetta 1997; Stockwell 2001; OEDT 2012), por intervirem ao nível do atendimento e implementarem “um amplo conjunto de estratégias que visam a criação de ambientes de consumo de álcool que, antes de mais, reduzem o risco de pessoas alcoolizadas se ferirem a si ou a outras pessoas” (Saltz 1989, 169);

² Mais informações sobre o projeto disponíveis em <http://www.fep.cedh.porto.ucp.pt/pt/sexism-free-night>

³ Tradução livre de *Responsible Beverage Service*.

- os modelos de certificação Noite Segura (Leclercq *et al.* 2012) que, através de metodologias participativas, propõem uma “abordagem baseada no *setting*” (Fletcher *et al.* 2011) com o objetivo de promover ALN mais seguros.

Estes modelos consideram aspetos físicos e sociais do estabelecimento na negociação das condições de segurança e bem-estar dos/as clientes (por exemplo, promoção de bebidas alcoólicas, *crowding*) (Hughes *et al.* 2011; Buvik e Rossow 2015). Neste sentido, este projeto adotou uma perspetiva multicomponente que incluiu várias atividades, nomeadamente:

- a) a administração de um questionário *online* para caracterizar os ALN no que respeita à ocorrência de situações de assédio e violência sexual;
- b) implementação de um modelo de certificação que envolveu: o diálogo com gerentes/empresários/as do setor do lazer noturno; ações de capacitação baseadas em abordagens *bystander* para o *staff* dos estabelecimentos aderentes; e a elaboração de um “Protocolo de atuação para a prevenção e atuação em casos de assédio e violência sexual em ambientes de lazer noturno” (Pires e Carvalho 2019a);
- c) a produção de um “Manual de Recomendações para a publicidade não-sexista de bebidas alcoólicas” (Pires e Carvalho 2019b);
- d) a implementação de uma campanha para a desnormalização da violência sexual e desconstrução de mitos de violação associados a ALN;
- e) o *design* metodológico e a construção de parceria com a UMAR e com a Associação Plano i, que deu origem à intervenção em proximidade Ponto Lilás⁴, implementada na Queima das Fitas do Porto em 2019.

4. Método

A componente de investigação do projeto integrou a recolha de dados de natureza quantitativa e qualitativa. Num primeiro momento, foi administrado um questionário *online* para recolher dados que permitissem aceder a representações sobre a ocorrência de situações de assédio e violência sexual em ALN. O questionário esteve disponível para preenchimento entre 10 de setembro e 30 de novembro de 2018, tendo sido disseminado através das redes sociais associadas ao projeto SFN e do apoio de múltiplos parceiros. Durante o período de implementação foram recolhidas 557 respostas, tendo 11 sido eliminadas devido ao número de valores omissos (N=546).

⁴ Mais informação sobre a iniciativa conjunta Ponto Lilás disponível em <https://www.publico.pt/2019/04/29/p3/cronica/ponto-lilas-zona-segura-queima-fitas-1870867>; <https://www.publico.pt/2019/04/26/p3/noticia/a-queima-das-fitas-do-porto-vai-ter-um-ponto-lilas-para-prevenir-violencia-sexual-1870390>

O questionário foi adaptado a partir do instrumento original desenvolvido pelo Observatorio Noctambul@s da *Fundación Salud y Comunidad*. As questões sobre violência sexual listavam um conjunto de comportamentos de assédio sexual e violação, organizadas em torno de 7 tópicos principais: frequência de ALN; consumo de substâncias psicoativas (SPA); observação de assédio sexual em ALN (*bystanders*); vitimação sexual em ALN; agressão sexual em ALN; percepção sobre a relação entre o consumo de SPA e violência sexual; e dados sociodemográficos. No presente artigo serão apresentados os resultados referentes à observação de assédio sexual em ALN. O tratamento e análise de dados foram realizados com o apoio do software *IBM SPSS Statistics*. Depois de constatado o pressuposto de não normalidade dos dados através do teste de *Kolmogorov–Smirnov*, optou-se pelo recurso a estatística não paramétrica (*Mann–Whitney*).

Neste artigo são também apresentados dados recolhidos no âmbito da implementação da certificação SFN no Porto. Esta atividade foi desenhada tendo em conta uma extensa revisão bibliográfica e também os dados recolhidos pelo questionário *online* implementado no âmbito do projeto. A adesão à certificação foi avaliada em função do número de estabelecimentos aderentes, as suas características e comprometimento com os temas do projeto. As ações de formação foram avaliadas em função de dimensões de processo e percepção de impacto: participação (n.º de formandos/as, perfil profissional, partilha de experiências), satisfação com a formação, percepção de conhecimento adquirido, percepção de impacto da formação nas práticas profissionais, percepção de impacto da certificação. A participação, o perfil de formando/a, a satisfação com a formação e a percepção do conhecimento adquirido foram avaliadas através de um questionário aplicado no final das ações de formação. A percepção de impacto da formação e da certificação foi auscultada através de entrevistas telefónicas com 6 formandos/as, 3 meses após as ações de formação.

5. Resultados

• *Questionário online*

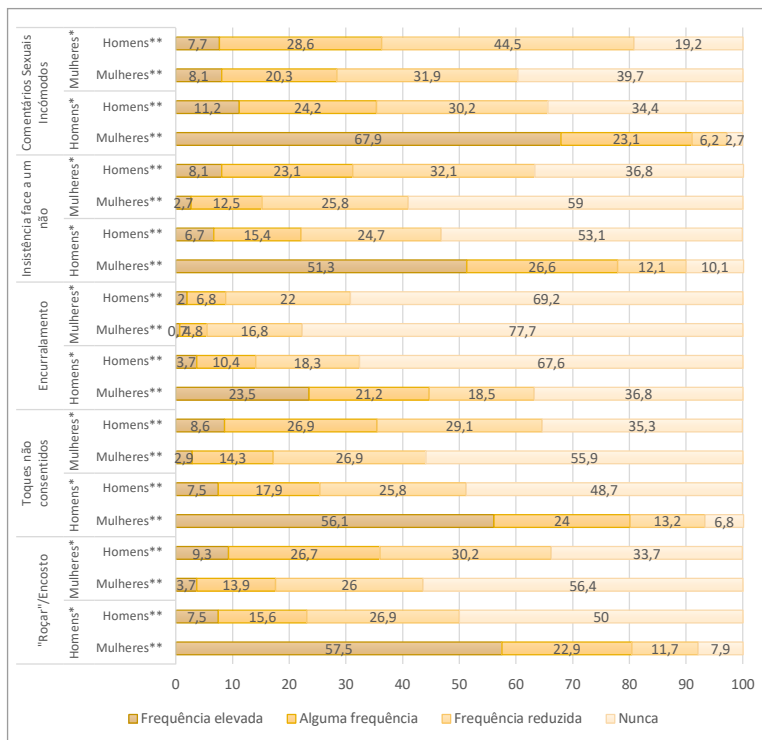
No que diz respeito ao perfil sociodemográfico das/os respondentes ao questionário *online*, 76,4% das pessoas identificaram-se como mulher, 23,3% como homem e 0,4% com outra identidade de género. A média de idades foi de 29,6 anos (17-62 anos, DP=8,5), 95,1% das/os respondentes é portuguesa e a maior parte da amostra referiu que a sua orientação sexual é heterossexual (79,6%).

Em termos de padrões de frequência de ALN, a maioria das respostas concentra-se na frequência entre 1 vez por semana e 1 vez por mês (65%) – refere sair à noite “pelo menos 1 vez por semana” (29,7%), “pelo menos 1 vez por mês” (35,3%) e “entre 1 vez por mês e uma vez a cada 3 meses” (24,2%).

Para analisar o assédio sexual a partir da observação dos/as respondentes (*bystanders*) foi utilizada uma escala *Likert* de 1 (Nunca) a 5 (Sempre) para avaliar a frequência dos seguintes comportamentos: “Comentários sexuais incômodos”, “Insistência face a um não”, “Encurrallamento”, “Toques não consentidos” e “Roços/encostos”. A direção de cada comportamento foi analisada em função de 4 opções: “homens para mulheres”, “mulheres para homens”, “homens para homens” e “mulheres para mulheres”. No sentido de facilitar a análise, agrupou-se a resposta de *Likert* 4 e 5 numa única categoria (“Frequência elevada”), mantendo-se as restantes respostas (alguma frequência – *Likert* 3; baixa frequência – *Likert* 2; e nunca – *Likert* 1).

No gráfico 1 encontra-se organizada a distribuição de frequências por opções. A análise das frequências permite verificar uma maior prevalência de observação de comportamentos de assédio quando a direção é de “homens para mulheres”. As restantes distribuições variam de acordo com o comportamento e a opção em análise.

Gráfico 1
Frequência experiências de violência sexual a partir das perspetivas de *bystanders*



Fonte: Elaboração própria.

Este gráfico apresenta os comportamentos observados, a direção do comportamento (“homem para mulher”, “mulher para mulher”, “homem para homem”, “mulher para homem”). O género do/a agressor/a; é representado por um asterisco (*) e o género da pessoa assediada por dois asteriscos (**).

Verificaram-se diferenças de género nas opções de “homens para mulheres” e “homens para homens”. O género feminino reporta níveis significativamente mais elevados dos seguintes comportamentos observados: “comentários sexuais incómodos” (Mdn homens=223,21; Mdn mulheres=287,51) ($U=20219,5$, $Z=-4,315$, $p>0,001$, $r=-0,18$); “insistência face a um não” (Mdn mulheres=291,73; Mdn homens=209,37) ($U=26061,5$, $Z=-5,407$, $p=0$, $r=-0,23$); “Encurralamento” (Mdn mulheres=288,97; Mdn homens=218,42) ($U=19611$, $Z=-4,599$, $p=0$, $r=0,20$); “Toques não consentidos” (Mdn mulheres=292,7; Mdn homens=206,17) ($U=18056$, $Z=-5,697$, $p=0$, $r=0,24$); e “Roçar-se/Encostar-se” (Mdn mulheres=289,77; Mdn homens=215,81) ($U=19279,5$, $Z=-4,875$, $p=0$, $r=0,21$). O género masculino reporta níveis estatisticamente mais significativos de “Comentários sexuais incómodos” no que se refere à opção “de homens para homens” (Mdn mulheres=263,55; Mdn homens=301,88) ($U=22748,5$, $Z=-2,513$, $p=0,012$, $r=-0,11$). As magnitudes de efeito das diferenças observadas são reduzidas (Cohen 1988).

- *Certificação SFN – processo e perceção de impacto*

O processo de implementação da certificação SFN baseou-se em 4 fases: 1) recrutamento e envolvimento de representantes de estabelecimentos de lazer noturno no Porto; 2) implementação de ações de formação para o *staff* dos estabelecimentos aderentes; 3) disponibilização dos materiais da campanha nos estabelecimentos aderentes; 4) elaboração do Protocolo de atuação para a prevenção de assédio e violência sexual em ambientes de lazer noturno. Os espaços aderentes que passaram pelas várias etapas receberam, no seminário final do projeto, o dístico SFN para colocarem nos seus estabelecimentos.

O recrutamento dos estabelecimentos beneficiou da articulação com a Movidá⁵ da Câmara Municipal do Porto (área do município responsável pela regulamentação dos estabelecimentos e zonas de lazer noturno a cidade) e com Associação de Bares e Discotecas da Movidá. Estas duas organizações divulgaram esta iniciativa junto dos estabelecimentos que fazem parte da zona da Movidá e, numa fase inicial, recebemos 21 *emails* de representantes de estabelecimentos a solicitar informação ou a manifestar o seu interesse em aderir ao projeto. Na reunião inicial compareceram 14 pessoas, 2 representantes da Movidá e 12 profissionais em representação de 10 estabelecimentos. Importa referir que os gerentes/

⁵ Mais informação sobre o Regulamento da “Movidá do Porto” (Alteração 01/2016, Diário da República, 2.ª série, n.º 158, 17 de agosto de 2017) disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/108010838>

empresários que participaram eram maioritariamente homens (n=10), demonstrando, em pequena escala, o predomínio da liderança masculina neste setor. Todos os/as representantes de estabelecimentos confirmaram a sua disponibilidade para participar no projeto, dando início a um processo de comunicação conjunta e individualizada para avançar para as fases seguintes.

Imagem 1

Dístico associado à certificação SFN



Na segunda fase foram implementadas as ações de formação para o *staff* dos estabelecimentos aderentes. Um dos critérios para a atribuição da certificação era a participação de, pelo menos, 50% do *staff* do estabelecimento na formação. O planeamento do currículo da formação baseou-se em metodologias de intervenção *bystander* e focou-se em 4 tópicos: definição de assédio e violência sexual e legislação portuguesa, critérios para a promoção de ALN livres de sexismo, estratégias para a deteção e interrupção de situações de assédio sexual, apoio a vítimas de violência sexual. A dinamização das sessões incluiu componentes expositivas e participativas. Nesta fase, apenas 7⁶ dos 10 estabelecimentos presentes na 1.^a reunião avançaram com o processo de certificação. A este nível, importa referir que 2 dos estabelecimentos aderentes já eram conhecidos no Porto por promoverem ambientes igualitários e os restantes estabelecimentos eram reconhecidos pela qualidade e profissionalismo do seu atendimento.

Visto que 2 dos estabelecimentos tinham equipas com cerca de 20 profissionais, foi necessário implementar uma ação de formação específica em cada um destes locais, e uma terceira para o *staff* dos restantes estabelecimentos. As ações de formação duraram 3h30 e ocorreram num horário ajustado a estes/as profissionais (a partir das 15-16:30h). No total, participaram nestas ações de formação 46 profissionais, com diferentes funções: *bartender/ bar-back* (n=20), gerente (n=7), segurança/ porteiro (n=3), atendimento à mesa (n=4), programador (n=2), outros⁷ (n=10).

⁶ Os estabelecimentos de lazer noturno aderentes foram: Pérola Negra, Maus Hábitos, More Club, The Royal Cocktail Bar, Vermuteria da Baixa, Gin House e Bierhaus.

⁷ Nesta opção identificaram-se: atendimento em bengaleiro, relações públicas, apanha-copos, frente de mesa, subgerente.

A análise dos dados recolhidos através do questionário de avaliação revelou que os/as formandos/as se mostraram satisfeitos/as com a formação e reportaram ter aumentado o seu conhecimento sobre todos os temas abordados.

Tabela 1
Autoavaliação da percepção de conhecimento adquirido durante as ações de formação

	Autoavaliação do conhecimento 1 (Nenhum conhecimento) – 5 (Elevado conhecimento)	
	Antes da formação	Depois da formação
Definição de assédio e violência sexual e legislação portuguesa	4	4,6
Critérios para a promoção de ALN livres de sexismo	4,1	4,6
Estratégias para a deteção e interrupção de situações de assédio sexual	3,8	4,7
Apoio a vítimas de violência sexual	3,9	4,7

Durante a formação muitos/as profissionais referiram que o assédio sexual é comum em ALN e que dificulta o exercício da sua atividade porque eles/as próprios/as são alvo dessas abordagens sexualizadas. Referiram que são os/as homens quem mais assedia, mas que também há muitas mulheres que o fazem. Apontaram que, por estarem numa situação de atendimento, era mais difícil gerir o assédio, quer porque os/as clientes sentiam mais poder, quer porque tinham menos possibilidade de reação. No entanto, fazem uso de algumas estratégias para lidar com estas situações, como chamarem um/a colega para os/as substituir ou o/a próprio/a colega reparar na situação e vir prestar apoio. Quando questionados/as acerca da deteção de situações de assédio sexual entre os/as seus clientes, referiram que conseguiam distinguir interações de sedução de interações de assédio e partilharam alguns exemplos de situações concretas e de estratégias que utilizaram para as interromper. Por exemplo, uma das participantes referiu que, sempre que identificava uma situação mais desafiadora, comunicava com colegas que se encontravam em diferentes localizações do estabelecimento para que estivessem atentos/as. Referiram que a embriaguez ou os estados alterados de consciência dos/as clientes dificultam a deteção de situações de assédio sexual. Mencionaram também a necessidade de aprender a lidar com situações de violência no namoro, porque muitos casais se desentendiam e eram agressivos/as, sendo difícil ter uma comunicação clara ou

intervir, principalmente se estivessem alcoolizados/as. Dois seguranças assumiram que tinham mais dificuldade em lidar com mulheres com comportamentos de importunação ou agressivos do que com homens com os mesmos comportamentos porque ao agir receavam serem vistos como agressores. Adicionalmente, durante as sessões surgiram alguns mitos da violação que culpabilizavam a vítima (mulher), atribuindo-lhe responsabilidade pelo seu comportamento. Estas partilhas permitiram discussões de grupo e facilitaram a desconstrução de mitos.

Após um período de 3 meses, a equipa entrevistou por telefone 6 formandos/ /as (escolhidos/as aleatoriamente) auscultando a sua perceção sobre o impacto da ação de formação nas suas práticas profissionais. Foram referidas 3 dimensões principais: maior atenção a situações de assédio, mais diálogo entre os membros do *staff* do estabelecimento em que trabalham e maior disponibilidade para intervirem.

Estou mais atento e também de alguma forma sinto mais que devo agir em determinadas situações com as minhas colegas, com as pessoas e também quando se metem comigo. (E3⁸)

Agora falamos mais disso, e os próprios seguranças e todos nós colocamos esse chip. (E4)

Sou mais ativa e menos tolerante quando me estão a assediar... chamo logo a atenção do cliente ou chamo algum colega para me ajudar, mas de uma forma que o cliente perceba que está a ser abusador. (E6)

Após o término da formação, a equipa disponibilizou os materiais de sensibilização produzidos no âmbito do projeto⁹ aos estabelecimentos, de forma a torná-los acessíveis aos/às seus/suas clientes.¹⁰ O projeto dinamizou uma 2.^a reunião com os responsáveis pelos estabelecimentos aderentes para definir os pontos essenciais a contemplar no protocolo de atuação em casos de assédio e violência sexual em ALN (Pires e Carvalho 2019a). O projeto organizou um seminário final onde dois destes representantes participaram na qualidade de oradores, aproveitando-se este momento público para atribuir as certificações. Nas entrevistas telefónicas, as pessoas entrevistadas referiram que a sinalética ainda não era reconhecida pelos/as seus/suas clientes, sugerindo um maior investimento na sua divulgação.

⁸ E3 – Entrevista 3.

⁹ Foram produzidos 3 postais informativos com uma estética apelativa e adequada a estes contextos. Sob o mote “quem és tu à noite”, cada um dos postais se direcionava a um tipo de papel: potenciais vítimas, potenciais agressores e *bystanders*. Material disponível em <https://www.fep.cedh.porto.ucp.pt/pt/sexism-free-night?msite=8>

¹⁰ Estes materiais foram também disponibilizados a outros estabelecimentos que não aderiram à formação, bem como em 2 eventos académicos e em 4 festivais de verão.

Sinceramente não sei se as pessoas a vêm. Nós temos aí outras e se calhar fica meia escondida, mas também acho que não é a existência do sinal que muda o ambiente, é a própria casa e somos nós que cá trabalhamos e o que aceitamos que cá aconteça ou não. (E1)

Uma ou duas perguntaram porque viram as notícias e depois deram os parabéns por sermos um espaço livre de sexismo. (E3)

Ainda é cedo para dizer, mas a partir do momento que tens um símbolo a deixar claro que não vais compactuar com essas atitudes as pessoas percebem que se calhar não é aí o sítio. (E5)

6. Discussão dos resultados

Os dados analisados demonstram que os comportamentos de assédio sexual são bastante prevalentes em ALN, sendo reportados tanto pelos/as seus/suas frequentadores/as como pelos/as profissionais que exercem a sua atividade profissional nestes contextos. A análise dos dados do questionário *online* corrobora a normalização e generalização do assédio sexual que nestes contextos, à semelhança do que acontece noutras contextos na esfera pública, afeta de forma desproporcional as mulheres e é principalmente perpetrada por homens. De acordo com alguns estudos, o facto de a experiência de assédio sexual ser entendida por muitas mulheres como normal e expectável na sua vivência de ALN (Observatorio Noctambul@s 2017; Pires *et al.* 2018) não significa que a tolerem, que a considerem aceitável e que não lhes provoque emoções negativas (Graham *et al.* 2017; Mellgren *et al.* 2018). A gestão de situações de assédio sexual deixa as frequentadoras de ALN desconfortáveis e ansiosas e limita a sua liberdade de movimento e expressão nesses contextos (Graham *et al.* 2017). Por outro lado, o assédio sexual por parte de mulheres também pode indiciar que, ao entrarem nestes contextos, a construção de novas feminilidades pode implicar a adesão a normas e comportamentos de referência, nomeadamente o consumo excessivo e comportamentos de assédio sexual.

Pelo descrito, os ALN são contextos estratégicos para a prevenção e desnormalização do assédio sexual (Pires *et al.* 2018). Prevenir os excessos em estabelecimentos licenciados que comercializam bebidas alcoólicas é um desafio complexo e multifacetado (OEDT 2012; Graham *et al.* 2014). Neste projeto, tivemos uma modesta adesão de ALN, e os estabelecimentos que aderiram à certificação SFN foram aqueles que já são conhecidos por criarem ambientes diferenciados e, em alguns casos, comprometidos com princípios de igualdade. De qualquer forma, consideramos que o projeto contribuiu para a visibilização do assédio sexual em ALN e também para reforçar as normas de segurança e as práticas igualitárias dos

estabelecimentos aderentes. O envolvimento e comprometimento prévio da gerência dos estabelecimentos aderentes facilitaram a aceitação, motivação e reconhecimento da importância da ação por parte dos/as formandos/as. Contribuíram também para aumentar o potencial de eficácia do projeto, porque a sua intervenção se focou no serviço no seu todo e não apenas nas práticas de atendimento do *staff*, como sugerem outros estudos (Saltz e Stanghetta 1997; Buvik e Rossow 2017). Os/as profissionais envolvidos/as nestas ações de formação avaliaram esta iniciativa de forma positiva, reportando o aumento dos seus conhecimentos. Nas entrevistas feitas posteriormente, também indicaram que o assédio sexual era mais discutido em equipa e que, em geral, estavam mais atentos/as, empoderados/as e dispunham de mais estratégias para intervir.

Vários estudos têm vindo a reforçar que a capacitação de *staff* de ALN através de abordagens *bystander* é eficaz em ALN (Powers e Leili 2018; Quigg *et al.* 2021) e, por esse motivo, seria relevante dar continuidade a esta iniciativa ou incluir a prevenção de assédio sexual na formação a profissionais de atendimento ou segurança em ALN. As perceções de segurança em ALN podem ser um critério valorizado pelos/as clientes (Johnson *et al.* 2016) e, desta forma, um fator de competitividade que pode motivar os estabelecimentos de lazer noturno a aderir a este tipo de iniciativas.

No que diz respeito à implementação da certificação, os/as profissionais entrevistados/as referiram que esta ainda era pouco visível e reconhecida. Neste sentido, seria importante dar continuidade a esta atividade, de forma a aumentar a rede de estabelecimentos aderentes, bem como a própria visibilidade da sinalética e seu reconhecimento pelos/as frequentadores/as de ALN.

Importa também referir que a suspensão do lazer noturno devido à pandemia Covid-19 comprometeu a continuidade do trabalho implementado pelo projeto. Um cenário de crise generalizada pode dificultar o contacto e adesão de ALN a este tipo de iniciativas. No entanto, esta paragem obrigatória pode também ser uma oportunidade para repensar a própria reabertura e o próprio conceito do estabelecimento. De acordo com o gerente do estabelecimento Maus Hábitos,

[...] devíamos estar a discutir não só quando abrimos, mas como vamos abrir, aproveitar esta oportunidade para acabar com o sexismo – essa coisa horrível das *ladies night*, por exemplo – e a discriminação, ter boa comida em vez da tosta mista ranhosa. E entendermos que temos uma responsabilidade muito grande, por vendermos álcool: a noite é onde se revelam os demónios.¹¹

¹¹ Fernanda Câncio, "Discotecas e pandemia. Mais de um ano de dança proibida. Algum dia voltará a noite?" *Diário de Notícias*, 2 de maio de 2021. Disponível no endereço <https://www.dn.pt/sociedade/discotecas-e-pandemia-mais-de-um-ano-de-danca-proibida-algum-dia-voltara-a-noite-13645380.html> [consultado em 02 de maio de 2021].

7. Conclusão

Os resultados deste projeto demonstram que o assédio sexual é observado e reconhecido por quem participa e trabalha em ALN, corroborando o papel estratégico que os/as *bystanders* podem desempenhar na prevenção e desnormalização destes comportamentos. O modelo de certificação SFN mostrou ser uma abordagem relevante e passível de ser implementada noutros contextos. No entanto, o período de tempo em que o projeto foi implementado (14 meses) não foi suficiente para investir na visibilização da certificação, tornando-a perfeitamente reconhecida por quem sai à noite. O projeto criou um processo que deveria ser continuado, quer através de um apoio financeiro mais prolongado, quer pelo envolvimento ativo no município que, em estreita articulação com organizações da sociedade civil e representantes do setor do lazer noturno, implementasse protocolos de colaboração para a promoção de ALN mais seguros e igualitários.

Este artigo oferece um contributo para a investigação na área do assédio sexual e para o mapeamento de práticas interventivas que atuam para dissuadir ou prevenir. No entanto, da implementação do projeto surgiu a necessidade de se investigar a interseção entre as normas de género e as normas sociais sobre o uso de substâncias psicoativas e a prevalência de assédio sexual entre pessoas transgénero e com identidades de género não-binárias.

Finalmente, é importante referir que, apesar dos inúmeros benefícios em relação à investigação mais tradicional realizada presencialmente, os questionários *online* apresentam algumas limitações que devem ser consideradas. Os dados não podem ser generalizados porque dependem de uma amostragem não-probabilística e, por esse motivo, representam apenas a amostra de pessoas que tem acesso à Internet, teve contacto com o instrumento e se disponibilizou a participar (Faleiros *et al.* 2016; Barratt *et al.* 2017). Outra limitação prendeu-se com a impossibilidade de se avaliar o impacto do projeto, principalmente devido à duração do mesmo e aos recursos da equipa (humanos e financeiros). Nesse sentido, a avaliação baseou-se na perceção dos/as participantes, que é um indicador, mas não uma garantia de eficácia.

Referências bibliográficas

- Anitha, Sundari, Ana Jordan, Jill Jameson, e Zowie Davy. 2021. "A Balancing Act: Agency and Constraints in University Students' Understanding of and Responses to Sexual Violence in the Night-Time Economy." *Violence Against Women* 27(11): 2043-2065. DOI: <https://doi.org/10.1177/1077801220908325>
- Barratt, Monica J., Jason A. Ferris, Renee Zahnow, Joseph J. Palamar, Larissa J. Maier, e Adam R. Winstock. 2017. "Moving on From Representativeness: Testing the Utility of the Global Drug Survey." *Substance Abuse: Research and Treatment* 11. DOI: <https://doi.org/10.1177/1178221817716391>

- Bóia, Pedro, Lígia Ferro, e João Teixeira Lopes. 2015. "Clubbing e construções identitárias de género: proposta de um quadro analítico." *Configurações* 15: 9-29. DOI: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.2652>
- Buvik, Kristin, e Ingeborg Rossow. 2015. "Factors associated with over-serving at drinking establishments." *Addiction* 110(4): 602–609. DOI: <https://doi.org/10.1111/add.12843>
- Cohen, Jacob. 1988. *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. 2nd ed. New York: Lawrence Erlbaum Pub.
- Faleiros, Fabiana, Christoph Käßler, Fernanda A.R. Pontes, Simone S.C. Silva, Fernanda S.N. Goes, e Cibele D. Cucick. 2016. "Use of virtual questionnaire and dissemination as a data collection strategy in scientific studies." *Texto e Contexto – Enfermagem* 25(04). DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072016003880014>
- Fletcher, Adam, Amador Calafat, Alessandro Pirona, e Deborah Oslzewski. 2011. "Young people, recreational drug use and harm reduction." In *Harm Reduction, Impacts and Challenges*, editado por Tim Rhodes e Dagmar Hedrich, 357-376. Luxembourg: Publications Office of the European Union. DOI: <https://doi.org/10.2810/29497>
- Graham, Kathryn, Sharon Bernards, D. Wayne Osgood, Antonia Abbey, Michael Parks, Andrea Flynn, Tara Dumas, e Samantha Wells. 2014. "'Blurred Lines?' Sexual Aggression and Barroom Culture." *Alcoholism, Clinical and Experimental Research* 38(5): 1416-1424. DOI: <https://doi.org/10.1111/acer.12356>
- Graham, Kathryn, Sharon Bernards, Antonia Abbey, Tara M. Dumas, e Samantha Wells. 2017. "When Women Do Not Want It: Young Female Bargoers' Experiences with and Responses to Sexual Harassment in Social Drinking Contexts." *Violence Against Women* 23(12): 1419-1441. DOI: <https://doi.org/10.1177/1077801216661037>
- Gunby, Clare, Anne Carline, e Stuart Taylor. 2017. "Location, libation and leisure: an examination of the use of licensed venues to help challenge sexual violence." *Crime, Media, Culture* 13(3): 315-333. DOI: <https://doi.org/10.1177/1741659016651751>
- Hughes, Karen, Zara Quigg, Lindsay Eckley, Mark Bellis, Lisa Jones, Amador Calafat, Matej Kosir, e Ninette van Hasselt. 2011. "Environmental factors in drinking venues and alcohol-related harm: the evidence base for European intervention." *Addiction* 106(1): 37-46. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1360-0443.2010.03316.x>
- Johnson, Mark B., Robert Voas, Brenda A. Miller, Hilary Byrnes, e Beth Bourdeau. 2016. "Night club patrons who feel safe will return: Evidence to encourage management to address club violence." *Journal of Safety Research* 56: 29–32. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jsr.2015.11.004>
- Leclercq, David, Judith Noijen, Thierry Charlois, Muriel Allart, Rene Akeret, Vitor Galan, Noel Garcia, Oscar P. Franquero, e Yoan Pesesse. 2012. *Safer Nightlife Labels and Charters – Good Practice Standards*. Projeto NEWIP. Disponível em <https://www.drugsandalcohol.ie/28910/>
- Magalhães, Maria José. 2011. "Assédio sexual: um problema dos direitos humanos das mulheres." In *Temas da Vitimologia: Realidades Emergentes na Vitimação e Respostas Sociais*, coordenado por Ana Isabel Sani, 101-113. Coimbra: Almedina.
- Magalhães, Maria José, Ana Guerreiro, Cátia Pontedeira, Raquel Felgueiras, e Ana Margarida Teixeira. 2019. "Perceções dos/as jovens portugueses/as sobre o assédio sexual." *Psiquiatria, Psicologia e Justiça*, 15: 1-32.
- Mellgren, Caroline, Mika Andersson, e Anna-Karin Ivert. 2018. "'It Happens All the Time': Women's Experiences and Normalization of Sexual Harassment in Public Space." *Women & Criminal Justice* 28(4): 262-281. DOI: <https://doi.org/10.1080/08974454.2017.1372328>

- OEDT – Observatório Europeu das Drogas e Toxicodependência. 2012. *Responding to drug use and related problems in recreational settings*. Lisbon: European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction. Disponível em https://www.emcdda.europa.eu/publications/thematic-papers/recreational-settings_en
- Observatorio Noctambul@s. 2017. *Tercer Informe Anual 2015/2016*. Disponível em <http://www.drogasgenero.info/noctambulas/informes/#fb1=1>
- Pires, Cristiana Vale, Raquel Pereira, Helena Valente, e Helena Moura. 2018. “Violência sexual e consumo de substâncias psicoativas: podem os contextos festivos ser educativos?” *ex aequo* 37: 143-158. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2018.37.10>
- Pires, Cristiana Vale, e Maria Carmo Carvalho. 2019a. *Protocolo de atuação para a prevenção e atuação em casos de assédio e violência sexual em ambientes de lazer noturno*. Projeto Sexism Free Night. Disponível em <https://www.fep.cedh.porto.ucp.pt/pt/sexism-free-night?msite=8>
- Pires, Cristiana Vale, e Maria Carmo Carvalho. 2019b. *Manual de recomendações para a publicidade não-sexista de bebidas alcoólicas*. Projeto Sexism Free Night. Disponível em <https://www.fep.cedh.porto.ucp.pt/pt/sexism-free-night?msite=8>
- Powers, Ráchael A., e Jennifer Leili. 2018. “Bar Training for Active Bystanders: Evaluation of a Community-Based Bystander Intervention Program.” *Violence Against Women* 24(13): 1614-1634. DOI: <https://doi.org/10.1177/1077801217741219>
- Quigg, Zara, Charlotte Bigland, Karen Hughes, Mariangels Duch, e Juan Montse. 2020. “Sexual violence and nightlife: A systematic literature review.” *Aggression and Violent Behavior* 51. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101363>
- Quigg, Zara, Mark A. Bellis, Karen Hughes, Adam Kulhanek, Irma Brito, Kim Ross-Houle, Charlotte Bigland, Amador Calafat, Mariangels Duch, e STOP-SV group. 2021. “STOP-sexual violence: evaluation of a community-based nightlife worker awareness raising bystander training programme.” *European Journal of Public Health* 31(3):659-664. DOI: <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckaa245>
- Ribeiro, Beatriz Castro. 2021. “Assédio sexual em Espaço Público em Portugal: Obstáculos à Implementação do Artigo 170.º do Código Penal ao Nível dos Burocratas de Rua da PSP.” Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Rodrigues, Cláudia. 2016. “A Cidade Noctívaga: Ritmografia de um *party district* na Cidade do Porto.” Tese de doutoramento em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Romero-Sánchez, Mónica, e Jesús L. Megías. 2015. “How do college students talk about sexual assault?” *Journal of Gender Studies* 24(6): 644-659. DOI: <https://doi.org/10.1080/09589236.2013.868301>
- Saltz, Robert F. 1989. “Needs and Opportunities in Server Intervention Programs.” *Health Education Quarterly* 16(3):429-438. DOI: <https://doi.org/10.1177/109019818901600310>
- Saltz, Robert F., e Paula Stanghetta. 1997. “A community-wide Responsible Beverage Service program in three communities: early findings.” *Addiction* 92: 237-250. DOI: <https://doi.org/10.1046/j.1360-0443.92.6s1.6.x>
- Simões, Rita Basílio, e Maria João Silveirinha. 2019. “Framing street harassment: legal developments and popular misogyny in social media.” *Feminist Media Studies*. DOI: <https://doi.org/10.1080/14680777.2019.1704816>
- Sottomayor, Maria Clara. 2015. “A Convenção de Istambul e o novo paradigma da violência de género.” *ex aequo* 31: 105-121. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2015.31.08>
- Stockwell, Tim. 2001. “Responsible alcohol service: lessons from evaluations of server

- training and policing initiatives". *Drug and Alcohol Review* 20: 257-265. DOI: <https://doi.org/10.1080/09595230120079567>
- Tutenges, Sébastien, Sveinung Sandberg, e Willy Pedersen. 2020. "Sexually violent effervescence: Understanding sexual assault among youth." *Sexualities* 23(3): 406-421. DOI: <https://doi.org/10.1177/1363460719830342>
- Vaadal, Kristine. 2020. "Navigating nightlife: women's discourses on unwanted attention in nightlife settings in Norway." *Gender, Place & Culture* 27(7): 1023-1043. DOI: <https://doi.org/10.1080/0966369X.2019.1654982>

Cristiana Vale Pires. Licenciada em Psicologia (FPCEUP), mestre e doutorada em Antropologia (ISCTE.IUL). É membro fundador da Associação Kosmicare e investigadora integrada na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. Desde 2014 que investiga sobre a interseção entre género e drogas. É especialista e consultora externa sobre perspetivas de género na área das drogas no Grupo Pompidou do Conselho da Europa e no Observatório Europeu das Drogas e Toxicod dependência.

Maria Carmo Carvalho. Licenciada em Psicologia pela Universidade do Porto (1999), tendo aí também concluído os graus de Mestrado e Doutoramento. É membro da Ordem dos Psicólogos Portugueses, com especialização em Psicologia Clínica. É membro-fundador da Associação Kosmicare e Vice-Presidente da ICEERS – International Center for Ethnobotanical Education Research and Service. É Professora Auxiliar na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica – Porto e membro do CEDH da FEP-UCP.

Helena Carvalho. Doutorada no domínio da investigação em psicoterapia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. No seu percurso enquanto investigadora tem privilegiado o estudo de processos de vulnerabilização e das relações terapêuticas. É membro do Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED) e do Centro de Psicologia da Universidade do Porto.

Artigo recebido a 31 de maio e aceite para publicação em 20 de setembro de 2021.

Como citar este artigo:

[De acordo com norma Chicago]:

Pires, Cristiana Vale, Maria Carmo Carvalho, e Helena Carvalho. 2022. "Certificação *Sexism Free Night*: da visibilização do assédio sexual à criação de um Roteiro de Lazer Noturno mais seguro e igualitário no Porto." *ex æquo* 45: 177-194. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2022.45.12>

[De acordo com norma APA adaptada]:

Pires, Cristiana Vale, Carvalho, Maria Carmo, e Carvalho, Helena (2022). Certificação *Sexism Free Night*: da visibilização do assédio sexual à criação de um Roteiro de Lazer

Noturno mais seguro e igualitário no Porto. *ex æquo*, 45, 177-194. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2022.45.12>

Este artigo é distribuído nos termos da *Creative Commons Attribution 4.0 International License* (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), a qual permite a utilização, a distribuição e a reprodução por qualquer meio, contanto que se atribua o devido crédito aos/às autores/as originais, que se forneça uma hiperligação para a licença *Creative Commons* e que se indique se foram efetuadas alterações.